



5493 - Trabalho - 39ª Reunião Nacional da ANPED (2019)  
GT20 - Psicologia da Educação

ESTAR SENDO PROFESSOR: A CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA DE UMA DOCENTE DA EDUCAÇÃO BÁSICA  
Giovana Maria Belém Falcão - UECE - Universidade Estadual do Ceará  
Agência e/ou Instituição Financiadora: Não

ESTAR SENDO PROFESSOR: A CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA DE UMA DOCENTE DA EDUCAÇÃO BÁSICA

## RESUMO

A identidade docente é processo que se constitui ao longo de um tempo, influenciada por elementos do contexto social, cultural e histórico. Entendendo a identidade como fenômeno psicossocial, conforme postula Antônio da Costa Ciampa, este escrito tem por objetivo conhecer o processo de constituição identitária de uma professora da educação básica. A investigação faz parte de um estudo mais amplo, da tese de doutorado, que teve por propósito principal compreender a identidade de professores da Educação Básica participantes do PIBID. Apoiando-se numa perspectiva qualitativa, ouviu-se neste escrito, por meio de entrevista de história de vida, a fala de uma professora da educação básica. A narrativa da professora revelou elementos de um contexto, das interações estabelecidas e do modo como subjetivou suas experiências. Conhecer a história da participante, ajudou a entender a professora que hoje é e como se reconhece docente.

Palavras-chave: Identidade. Reconhecimento. Professor da educação básica

## 1 Introdução

Como nos constituímos docentes? A indagação é complexa e exige adentrar em aspectos de uma subjetividade, mas também nos leva a compreender elementos de um contexto histórico, social e cultural, afinal a identidade docente é processo que se constitui ao longo de um tempo. O docente que somos hoje, carrega uma história que não se iniciou ao ingressar na sala de aula ou na formação inicial, mas é parte de uma história de vida vivenciada num tempo e espaço concretos, que não pode ser entendida de modo fragmentado, compo uma identidade que se constitui a partir de diversos papéis, escolhas e experiências.

Ciampa (2006) explica que ao falamos da identidade de uma pessoa, estamos falando da identidade como um todo. O autor afirma que mediante as relações sociais, as necessidades e as atividades, a identidade toma outras formas de predicções, porquanto o sujeito, ao longo da vida, vai se apropriando e assumindo diversos papéis, expressos pelas personagens. A identidade se constitui junto a estes diversos papéis, sendo que cada um deles influencia e é influenciado pelos demais. Sendo assim, ao olhar para a identidade docente, é preciso considerar a pessoa como um todo e não apenas fragmentos de uma identidade.

Este escrito tem por objetivo de estudo a identidade de professores e concebe a identidade como constituição psicossocial, conforme postula Ciampa (1987, 2000, 2002, 2006). Ciampa (2000) ensina que alcançar a identidade é compreender a relação indivíduo e sociedade. Assim, quando investigamos processos identitários, entendemos elementos da materialidade posta em determinado momento e como esta repercute na vida dos sujeitos. Em sendo assim, a identidade não pode ser pensada como fixa, transmitida, assumida passivamente.

De acordo com Lima (2010, p. 139), "Ciampa conseguiu propor uma teoria de identidade que espelha a metamorfose de nossa sociedade e as dificuldades de emancipação". Ciampa (2000) compreende a identidade como fenômeno psicossocial e defende a posição de que ela é uma das categorias essenciais da Psicologia Social para entender o homem. Para Carvalho (2011), Ciampa desvelou o movimento dialético que constituía identidade social, definindo-a inicialmente como metamorfose e reinterpretando-a como sintagma identidade-metamorfose-emancipação.

Com esteio nessa concepção, este escrito tem por objetivo conhecer o processo de constituição identitária de uma professora da educação básica. A investigação faz parte de um estudo mais amplo, da tese de doutorado, que teve por propósito principal compreender o processo de constituição identitária de professores da Educação Básica participantes do PIBID.

Para este estudo, examinamos as falas de 1 (uma) das professoras participantes da tese, ouvida por via de uma entrevista individual - entrevista de história de vida - em que, com suporte de temas provocadores, seguiu-se da indicação de questões de aprofundamento que orbitaram em torno de temáticas basilares. Para garantir o anonimato, solicitamos que a participante escolhesse um nome, que fosse significativo para ela, a fim de ser identificada na pesquisa. Sara foi o nome escolhido pela professora.

A investigação, de natureza qualitativa, permitiu adentrar em aspectos subjetivos da narrativa e ir além das aparências superficiais, possibilitando entender o sujeito na relação com o contexto social, histórico e cultural. Antes de abordar a narrativa da docente, trazemos uma discussão teórica sobre a categoria identidade na perspectiva psicossocial. Após a discussão da fala da docente, apresentamos as considerações finais e, por fim, as referências.

## 2 Identidade docente numa perspectiva psicossocial

A identidade é entendida por Ciampa (2006) como a articulação entre diferença e igualdade; entre objetividade e subjetividade. Sendo assim, é na vida social, nas relações com os demais, que vamos nos identificando e interiorizando aquilo que os outros nos atribuem, ao mesmo tempo em que nos diferenciamos, pois somos seres únicos e subjetivamos modos próprios de agir. Desde o início da vida, a existência do outro é determinante na constituição de nossa identidade. Predicamo-nos de algo que os outros nos atribuem e assim vamos significando ou não essas atribuições, vamos interiorizando aquilo que os outros nos atribuem, de modo que reconhecemos como nossas as características a nós atribuídas, e, ao mesmo tempo, nos vemos diferentes desde o nosso olhar para o outro.

A articulação entre igualdade e diferença; objetividade e subjetividade, na constituição da identidade, possibilita compreender algumas questões sociais, e, de modo particular, aquelas ligadas à área da Educação. De acordo com Carvalho (2004), a identidade, nesta perspectiva, orienta uma Pedagogia e um currículo que considere a identidade e a diferença como processos de produção social, que envolvem as relações de poder.

Ciampa (2006) explica, ainda, que a identidade pode ser pensada como um encadeamento de significados partilhado por muitas pessoas, sendo que estas podem ser mais ou menos diferenciadas entre si, em função de múltiplos fatores, e estes interferem de modo significativo na formação pessoal de cada profissional. Assim, a identidade docente se expressa com estrutura em elementos em comum, ao mesmo tempo em que se constitui de modo único para cada professor, pois pensamos, agimos e sentimos a profissão de maneira particular.

Ao pensarmos na identidade docente, é importante levar em conta outro ponto, o de políticas de identidade, pois determinadas políticas de identidade configuram identidades coletivas. Ciampa (2002), no entanto, não entende identidade coletiva nos moldes de identidade coletiva clássica, pois, para ele, estas negam a experiência individual, atribuindo um caráter *a priori* de determinação. O autor salienta que, quase sempre, as identidades coletivas são pensadas como personagens: - o negro, a mulher, o gay etc e as políticas de identidade servem, de certo modo, para normatizar, manter essa identidade coletiva.

Dias (2002) adverte para o fato de que nem sempre a política de identidade é formalizada ou mesmo explicitada, porém é vivida no cotidiano e representa determinada ideologia dominante. Para Lima e Ciampa (2012), as políticas de identidade expressam um tipo de discurso a favor de uma autodeterminação excludente, levando o sujeito a situar-se perante o outro de maneira estigmatizada. Portanto, a identidade envolve componentes de ordem social e também política, uma vez que desempenhar papéis sociais nos remete a um projeto político. Para Carvalho (2011, p.30), "as identidades têm a marca indelével da sociedade e, portanto, do que é social e politicamente projetado para elas, sejam processos regulatórios, sejam emancipatórios".

A identidade política, diferente da política de identidade, surge quando as pessoas conseguem se diferenciar do grupo, de acordo com Dantas e Ciampa (2014):

Uma identidade política é aquela que conjuga a igualdade e a diferença. Requer que o indivíduo em seu processo de socialização busque associação a grupos, ideias, causas que lhe deem sustentação, sem aprisioná-lo a eventuais políticas de identidade impostas ao/pelo grupo. Dessa forma, o indivíduo encontra espaço para o exercício de sua autonomia, por meio do seu processo de individuação (P.142).

Assim, é preciso refletir como o professor vem constituindo sua identidade, buscando entender como as políticas de identidade repercutem na forma de ser e sentir-se professor e se este vem desenvolvendo identidades políticas. Historicamente, a profissão docente se fez carregada de significados e intencionalidades políticas. Corroborando esta ideia, Nóvoa (1992) expressa que a profissão docente esteve subjugada a fortes relações de poder, caracterizando-se por uma atuação com intervenção constante da Igreja e do Estado, marcada, desse modo, por elevado componente ideológico. Esses elementos, sem dúvidas, influenciaram diretamente na imagem e nas funções sociais do professor instituídas ao longo dos anos. Em função desses e de outros determinantes, as significações sobre a profissão docente são, em geral, negativas, apoiadas em políticas de identidade que muitas vezes negam a própria individualidade e pouco favorecem mudanças significativas dos sujeitos, representando o docente de modo estigmatizado. Carvalho (2011, p.30) defende a ideia de que "é imprescindível a instituição de políticas de identidade (coletiva) que promovam a formação da identidade política (pessoal), criando possibilidades do indivíduo ou do profissional refletir sua realidade de forma autônoma, suscitando, com isso, condições de emancipação humana e social". É inevitável não fazer a relação de políticas de identidade com a autonomia, indagando como os docentes se posicionam diante dos discursos coletivos que nem sempre são representativos de seus verdadeiros interesses e como se reconhecem como professores.

Ciampa (2000) explica que, mesmo sendo uma totalidade, em cada momento manifestamos parte de nós mesmos como desdobramentos das múltiplas determinações a que estamos sujeitos. Sendo assim, sempre estamos representando e, por isso mesmo, nunca expressamos a nossa totalidade, portanto, somos representantes de nós mesmos. A identidade é expressa, segundo o autor, empiricamente por via de personagens, sendo a articulação dessas personagens o que vai compor a identidade da pessoa. Para o referido autor, identidade é, então, a unidade constituída pela totalidade das múltiplas personagens que ora se conservam, ora se sucedem; ora coexistem, ora se alternam. Lima (2012), referenciando-se em Ciampa, garante que é impossível viver sem personagens, pois sempre nos apresentamos como representantes de nós mesmos frente aos outros. É importante ressaltar que, ao mesmo tempo, que somos personagens, somos também autores de nossa história, inseridos em circunstâncias concretas, em constante interação com outros e, portanto, sujeitos a constante transformação e possibilidades de vir a ser.

Ciampa (2000) explica que existe a necessidade de normatização de determinadas personagens, que, por outro lado, servem para conservar as identidades produzidas. A ideia de personagem nos leva a entender outro conceito defendido por Ciampa - o de que a identidade é a articulação entre pressuposição e reposição. De acordo com Lima (2010), esta articulação pode ser tanto positiva como negativa, pois resulta da articulação que a pessoa faz com o que fazem ou fizeram dele em todos os momentos.

Para Ciampa (2000), sempre há pressuposição de uma identidade, ou seja, ao assumir determinados papéis, estes já estão previamente definidos. Portanto, as identidades pressupostas são idealizações realizadas por outros e assumidas por sujeitos de certa coletividade. Na dialética do sujeito com o mundo, esta identidade pressuposta vai sendo reposta. As expectativas, valores e normas predefinidos, vão sendo interiorizados e, desse modo, os sujeitos assumem as personagens, repondo aquilo que estava pressuposto ou caminhando para um processo de emancipação. Desse modo, a identidade posta e pressuposta pode ser reposta pela atividade correspondente a essa identificação, como manutenção da identidade. Nem sempre, no entanto, essa manutenção acontece, havendo resistência às identidades pressupostas, isso acontece quando os sujeitos não reconhecem os processos identitários legitimados e impostos socialmente, levando-os a buscar identidades que se caracterizam pela autonomia.

Repondo determinadas características pressupostas, a personagem passa a ser vista como permanente, estável, dando a ideia de não transformação, da não metamorfose. Ciampa (2000) denomina este movimento de mesmice e expressa que a reposição pode se dar como uma consciente tentativa de estabilidade ou inconsciente compulsão a repetição. Continuando, o autor garante que, quando a identidade pressuposta é reposta, ela é pensada como pronta, negando o caráter de elaboração da identidade e a temporalidade deste processo, uma vez que esta passa a ser entendida com apoio na imutabilidade. Quando digo "eu sou professor", em vez de dizer 'estou sendo professor', a personagem é pensada como se fosse inerente ao indivíduo e não como uma reposição contínua. Isto, então, afasta o caráter dinâmico e histórico da identidade, aproximando-se da noção de mito que prescreve as condutas corretas e reproduz o social. É neste sentido que se criam expectativas generalizadas em relação a certas personagens, esperando comportamentos padronizados de acordo com as predicções já estabelecidas, como salienta Ciampa (2000).

Para Ciampa (2000), essa condição de mesmice pode impedir a busca por emancipação, levando ao que ele chamou de 'fetichismo da personagem'. Lima e Ciampa (2012) explicam que a personagem fetichizada, assim como ocorre nas mercadorias presentes da lógica capitalista, "é reforçada em seu comparecimento pela forma de valor social, que força os

indivíduos a se reproduzirem como réplicas de si mesmo". (P. 19). Por outro lado, Almeida (2005) ressalta que nem sempre a reposição da identidade representa alienação e heteronomia, uma vez que pode "ser fruto de uma atitude positiva frente à vida, de expressão afetiva do ser, de satisfação com um modo de vida específico, que se considera suficientemente válido e digno de se manter" (P. 92). O autor complementa, assinalando a importância de as pessoas não se tornarem prisioneiras de seus papéis, pois estes não são realidades absolutas.

Em oposição a mesmice, Ciampa (2000) denota um outro conceito: o de mesmidade. Para o teórico, esta se refere à superação da personagem reposta pela pessoa. Mesmidade é, desse modo, alterização, ou seja, a capacidade de tornar-se outro, representando a ideia de uma identidade em metamorfose. O novo, no entanto, traz contido em si o velho, que se transforma. Valores, normas e conceitos vão sendo internalizados de modo ativo, com autonomia, possibilitando novos processos de aprendizagem e a constituição de outras personagens, representando, portanto, um movimento emancipatório da identidade. É, por conseguinte, a negação da personagem pressuposta que garante a metamorfose da pessoa, a transformação do outro que estava contido nele, mas que estava impedido de se manifestar. Livrar-se da mesmice imposta revela que a pessoa conquistou a liberdade de *ser-para-si*, tornando-se emancipada. Ciampa (2000) considera que a metamorfose somente acontece quando é capaz de provocar transformações qualitativas para a pessoa.

É preciso entender a dimensão política aí imbricada, e, sendo assim, deve-se favorecer aos sujeitos nos diversos espaços sociais processos numa perspectiva emancipatória, pois é desta maneira que acontece a alterização da identidade. É importante considerar ainda que a emancipação é processo social, mas também individual. Em contato com outras personagens, ao mesmo tempo se igualando e se diferenciando, o sujeito vai se tornando o outro-outro, dando sentido ao seu projeto de vida, descobrindo quem ela quer ser. Na expressão de Ciampa (2000), pode-se dizer que a identidade é o resultado de muitas e distintas determinações, e, sua constituição se dá pelas condições históricas, sociais e materiais apresentadas, bem como pelas condições subjetivas da pessoa.

Ciampa (2000) defende a posição segundo a qual as identidades refletem a estrutura social, ao mesmo tempo em que reagem sobre ela, conservando-a ou transformando-a. Neste sentido, a ideia de mesmice está atrelada aos determinantes econômicos, políticos e sociais que limitam o ser humano, entendendo que a identidade é elaboração. Portanto, romper com a mesmice em busca da emancipação é ir "contra *interesses* estabelecidos, situações *convenientes*, interesses e conveniências que são, se radicalmente analisados, interesses e conveniências do capital" (CIAMPA, 2000, p. 171). Isso nos leva a pensar no grande número de pessoas que, em função de condições as mais diversas, têm o seu desenvolvimento limitado, restringindo as possibilidades de se transformarem e, assim, de atingir a alteridade.

Ciampa (2000) apregoa que os movimentos no processo de constituição identitária podem rumar tanto para um processo emancipatório quanto para uma identidade com pouca autonomia. É no movimento de agir no/sobre o mundo, que o homem produz e transforma as condições objetivas e subjetivas para se exteriorizar no mundo e concretizar sua identidade livre (CARVALHO, 2011). Neste sentido, Ciampa (2000) ressalta a importância da atividade, para que o sujeito resista à identidade socialmente imposta e busque uma identidade que caminhe para a emancipação.

É imperativo refletir como estes processos mesmice/mesmidade acontecem nas identidades coletivas, de modo específico na identidade docente. Ao optarmos por uma profissão, esta escolha está imbricada de significados sociais, as maneiras de se representar a profissão já estão estruturadas com apoio nas características pressupostas. Sendo assim, o fato de ser professor é expresso, muitas vezes, com características aparentemente imutáveis. Neste caso, aqueles que repetem o que é esperado apenas repõem estruturas pressupostas, apresentando-se como réplicas, negando a verdadeira natureza da identidade, que é a transformação, a multiplicidade, e impossibilitando que o docente supere as contradições e rupturas próprias de sua profissão. À medida que o professor vai recusando este lugar definido por determinada estrutura social, vai rompendo com a mesmice e assumindo outros contornos, situando a identidade em movimento, caminhando para a alterização, para a mesmidade.

Vale salientar que todo esse percurso exige coragem, desejo e autonomia, processos que se constroem coletivamente, nas interações estabelecidas em diferentes espaços. Tais processos, contudo, precisam ser oportunizados, a partir da reflexão, da criticidade, da expressão de sentimentos e ideias. Para Ciampa (2000) a identidade deve ser pensada sempre numa possibilidade de mudança, de desenvolvimento integral, constituindo-se a partir de processos críticos e reflexivos. Nesta perspectiva, é necessário pensar o processo identitário do professor acontecendo em permanente elaboração e reelaboração, se constituindo ao longo do tempo, considerando a trajetória de vida, a história profissional e um percurso formativo. Tudo isso requer um movimento constante de reflexão do passado e do presente, o que, sem dúvida, vai dando sentido à profissão, e constituindo uma identidade do que é ser professor. Essas reflexões nos encaminham a pensar, de modo específico, na identidade de uma professora da Educação Básica, o que será apresentado a seguir.

### 3 Movimento constitutivo de ser professor: conhecendo a professora

A professora investigada tem 53 anos, é divorciada, tem quatro filhos e uma neta. É graduada em Pedagogia e especialista em produção de material didático com ênfase na diversidade. Trabalha como professora há 25 anos. Para conhecer o processo de constituição identitária da professora Sara, procuramos saber sobre a história de sua vida, iniciando num tempo mais remoto. Sua narrativa trouxe elementos de um contexto marcado por dificuldades econômicas, família numerosa, vivenciando o cotidiano com muitos sacrifícios financeiros. A professora nos conta:

Meu pai tinha 7 filhos, era um policial na época, porque ele já faleceu, ele era policial na época em que policial ganhava muito pouco e as mulheres ainda não estavam no mercado de trabalho como tem hoje, minha mãe era doméstica, do lar e **ele criou esses 7 filhos com esse salário e como agricultor, era um homem muito batalhador, muito forte, que sempre acreditou na educação, que sempre lutou pela educação dos filhos.**

Em sua narrativa, Sara informa como foi difícil para o pai sustentar a família numerosa com o salário de policial, precisando complementar com o trabalho na agricultura e como este se mostrou determinado na luta pela educação dos filhos. A referência do pai como homem forte, que sempre acreditou na educação, certamente foi determinante em sua constituição, uma vez que ao longo de sua narrativa expressa sua luta para continuar estudando, ao mesmo tempo em que vê na Educação a possibilidade de superação de muitos dos problemas vivenciados no contexto em que está inserida. Ao escolher o nome como gostaria de ser identificada na pesquisa, esta professora nos explicou que Sara significa mulher de fé, revelando seu apego a valores cristãos, que identifica no pai e a fé na transformação.

Em outros trechos narrados pela participante é possível entender como a família mediou o modo de pensar e agir da professora, como foi importante em seus processos identitários. Ciampa (2000) compreende que é com base no outro que vamos constituindo nossa identidade. De acordo com o autor, quando tomo o outro como referência, eu me diferencio dele, porque não sou ele e, desse modo, somos reconhecidos e nos reconhecemos diferentes do outro.

A fala de Sara também aponta uma importante referência em sua história: o pai.

[...] minha história começou aí, e **ele (o pai) percebeu que eu tinha muita vontade de estudar, que eu tinha muito interesse, esse meu irmão ele é muito inteligente, mas ele não gostava muito de estudar e eu era o contrário**, gostava, e aí a partir daí eu aprendi a ler.

Quando diz que “minha história começou aí”, parece demarcar a noção de que toda a sua luta para ser “a boa aluna” e o sofrimento advindo desta busca começaram com o reconhecimento do pai. No pensamento de Sara, o pai, que valorizava o estudo, identificou que ela tinha vontade de estudar, tinha interesse, o que a definiria como “a filha que gosta de estudar”. Ao afirmar “*meu irmão ele é muito inteligente, mas ele não gostava muito de estudar e eu era o contrário*”, se define como aquela que gosta de estudar, mas não é inteligente, condição que se atribui várias vezes em sua narrativa: “*eu não sou inteligente*”.

A identidade pressuposta da “filha que gosta de estudar” foi incorporada por Sara que a adota, com origem no que foi pressuposto pelas pessoas significativas, no seu caso, o pai e irmãos, e assim, passa a se apresentar como representante dessas características. Repor tais características em alguns momentos representou sofrimento e dor para Sara, uma vez que não conseguia se manter como boa aluna. Para Ciampa (2006), a identidade pressuposta é outorgada pelo outro e mediada por este.

A tentativa de repor as características da “filha que gosta de estudar”, certamente, mediou a busca desta professora por ser a boa aluna e assim ganhar o reconhecimento do pai; características que marcam Sara, sendo definidora em toda sua trajetória formativa e profissional. Além disso, possibilitou a Sara significar que o bom aluno é aquele que se esforça muito, o que deixa claro em outro trecho de sua narrativa.

O processo constitutivo da professora foi mediado por condições estabelecidas historicamente no âmbito das diversas esferas sociais em que estava inserida: a família, o trabalho, a escola, a igreja. Neste sentido, Pino (2000) exprime que a história pessoal, sem deixar de ser obra da pessoa singular, faz parte da história humana. Aproximando-se desse sentido, Ciampa (2000, p.127) ressalta que, “no seu conjunto as identidades constituem a sociedade, ao mesmo tempo em que são constituídas, cada uma por ela”. A professora foi constituindo sua identidade, se subjetivando, na relação com o outro, nos contextos em que transitou, ao mesmo tempo em que constitui essa sociedade.

O medo de não corresponder a expectativa do outro, assim, como receava não corresponder a expectativa da família, levaram Sara a ter medo de enfrentar desafios em sua vida profissional. Vejamos o que conta:

Dessa forma **eu me sinto muito presa, eu quero estar num lugar que eu conheça e eu sei onde estou pisando**, então eu **tenho muito medo de desafios**. [...] **a cada nova experiência** que você passa **você vai vencendo um pouquinho dessa barreira do medo**, porque falar em público era coisa muito difícil, então **foi a partir do pedagógico, da pedagogia, do PIBID, de outras experiências que você vai vencendo isso**.

Sara explica em sua narrativa que se sente “*muito presa*”, que precisa de segurança e por isso tem medo de desafios. Em sua fala, percebe-se a contradição: ao mesmo tempo em que se reconhece presa, deseja estar num lugar em que ela conheça os limites, portanto, em que permanecerá “presa”. A necessidade de segurança de Sara pode ser mais bem entendida quando conta em sua história que o pai militar era muito rígido com os filhos, o que certamente contribuiu para que ela aja sempre com muito receio de errar. “A filha que gosta de estudar” não pode decepcionar o pai e assim suas ações precisam da aprovação deste. Em outra parte de sua fala, volta a expressar sobre como se sente presa e justifica que a relação com o pai e com o marido contribuíram para que se sinta assim: “*o meu conhecimento de mundo é muito limitado, até porque meu pai era muito seguro com a gente, casei fiquei também naquele mundo ali muito seguro, eu sempre senti as muralhas me prendendo*”. Embora tenha consciência de seu medo, romper com as muralhas, não tem sido fácil para ela. No entanto, vem enfrentando o medo e arriscando-se, mesmo com muita cautela.

O enfrentamento do medo é possibilitado com o ingresso no curso de Pedagogia, na participação no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), onde assumiu a função de professora supervisora e de outras experiências formativas, lugares onde a professora é reconhecida de maneira muito positiva por seus colegas. Com origem no trabalho, Sara consegue enfrentar seu medo nas experiências da vida docente.

Em outro momento, reconhece que deixou de participar de algumas experiências importantes para sua vida profissional, em função do medo de enfrentar novos desafios.

**E só não tive mais oportunidades ainda, dentro do PIBID, por causa desse meu medo, dessa falta de coragem de enfrentar o novo, desafios**, porque teve oportunidade de ir para Portugal, de viajar para o exterior, eu nem participei da seleção. [...] Porque **acho que essa criação, né?**

Sara diz que o medo advém de sua “criação”. Provavelmente, se referindo aos elementos já assinalados de seu contexto, principalmente, a relação com o pai. Ao mesmo tempo nos indaga, querendo uma confirmação para seu entendimento: *acho que essa criação, né?* Embora a professora enfrente o medo em muitas situações, reconhece que ainda precisa superá-lo, pois, de algum modo, este tem limitado seu crescimento.

O modo como nos reconhecemos, como nos vemos vai sendo constituído desde as interações que estabelecemos com os outros. Ciampa (2000) esclarece que desde que nascemos, nos é atribuído um nome, que inicialmente é externo a nós mesmos, ou seja, o recém-nascido não tem consciência de que aquele nome o representa, somente depois isso acontece “um nome nos identifica e nós com ele nos identificamos”. (P. 131). Não conseguimos nos reconhecer com outro nome que não o que nos foi atribuído. Nosso nome se funde em nós, confirma e autentica nossa identidade, sendo o símbolo de nós mesmos, como aponta Ciampa (2000). Nosso nome, todavia, não é nossa identidade, mas é uma representação dela. Desse modo, a identidade vai assumindo outras predicções, por meio de papéis que vamos vivenciando ao longo de nossa vida. Ciampa (2000) defende que a forma personagem explica melhor este processo na sua generalidade.

Ao ser indagada sobre o modo que se reconhece, Sara diz que é como professora que se reconhece desde criança:

**Eu acho que desde criança eu me reconheço como professora (risos)**. Porque eu trazia os pedacinhos de giz que a professora não usava mais, eu juntava tudo e levava para casa e as portas da minha casa eram a minha lousa. E eu lembro que o papai brigava muito porque as portas ficavam riscadas e mandava eu apagar e **sempre na porta tinha “dever de casa, dever de classe**. (Risos).

Como professora dos irmãos que foi ainda criança, a docência esteve em sua vida desde muito cedo, no entanto, parece que este papel não agradava ao pai, que queria que a filha fosse bancária ou advogada, o que relata em outro momento. Em sua fala, conta que, mesmo contra a vontade do pai, reproduzia em sua casa aquilo que entendia por ser professora: passar tarefa no quadro. Os significados que expressa sobre ser professora foram constituídos na mediação com aspectos históricos e sociais, significados que foram se constituindo em sentidos à medida que Sara foi se tornando docente. Ao desempenhar a personagem “professora dos irmãos”, foi assumindo um jeito próprio de ser irmã-professora, opondo-se ao desejo do pai, ao mesmo tempo, em que se diferenciava de suas professoras com quem pegava o giz, se reconhecendo, portanto, como ser singular.

Sara também revelou como é reconhecida pelo outro. Sobre o modo como é reconhecida por seus alunos, a professora Sara diz:

**[...] eu estava pensando justamente, que seria interessante eu saber quais são as expectativas dos meus alunos em relação a mim**. Eu não sei o que eles esperam de mim. No dia do professor, agora assim, a gente recebe muitos

bilhetinhos, não sei se nesse bilhete está o que ele pensa, eles sempre colocam no bilhete... [...] **A gente encontra alunos que realmente não gostam de seu trabalho, não gostam de seu jeito, não gostam da sua exigência, tem!**

Em sua fala Sara deixa explícito o fato de que não sabe como é vista pelos alunos. Ao mesmo tempo que expressa a importância de saber sobre isso e continua sua narrativa, revelando algumas características que imagina que a definam para os alunos. Em seguida, expressa um reconhecimento negativo dos alunos em relação a ela em função de sua exigência. Reconhecendo-se e sendo reconhecida como uma professora exigente, assim vai constituindo sua identidade. Para Neto e Lima (2011), analisar a constituição identitária de pessoas ou grupos e seu reconhecimento tem importante implicação política, pois, dependendo do modo como eles se reconhecem ou são reconhecidos, “determinadas práticas em relação a eles, ou para eles, ou mesmo contra eles, são levadas a cabo. Assim, direitos são garantidos, deveres são cobrados, penas são aplicadas, preconceitos são combatidos” (P.95).

Neste sentido, podemos entender como o reconhecimento é elemento importante no processo identitário. De acordo com Almeida (2005),

[...] a identidade se constitui através do modo como os indivíduos se concebem (percebem e significam) reciprocamente. Assim, a identidade resulta do encontro entre a idéia que fazemos (ou a imagem que temos) de nós mesmos e dos outros e, a idéia (ou a imagem) que os outros fazem (têm) de nós. A identidade resulta da dialética entre os modos como nos representamos e de como somos representados, ou, dito de outro modo, a identidade deriva dos modos como nos (re) conhecemos e de como somos (re) conhecidos. (P. 52).

Sara é reconhecida de modo muito positivo por seus colegas professores. Em seu discurso expressa que muitas vezes se sente cobrada por isso, no entanto, também revela satisfação por ser respeitada como docente.

**Os meus colegas eles sempre esperam o melhor de mim,** sempre. É tanto que quando eu digo alguma coisa, por exemplo, **se eu disser que eu vou para sala de aula sem o plano de aula, eles não acreditam.** [...] **quando eu digo isso elas não acreditam, porque acham, consideram que eu sou tão assim perfeita! por isso que eu digo que não é, elas esperam tanto, que não é assim também. É assim, eles sempre esperam o melhor de mim. Isso é uma responsabilidade pesada,** que você diz assim **“eu não posso falhar, porque todos acreditam que eu vou fazer o melhor”.** **Você termina se exigindo um pouco, mas é como eu digo, não é como eles dizem não, fizeram esse estereótipo.**

Sentindo-se reconhecida por seus pares, explica: *“os meus colegas eles sempre esperam o melhor de mim”*, afirmação que repete em outro trecho desta fala, como que querendo salientar a responsabilidade em ter que ser sempre a melhor, sem erros: *“consideram que eu sou tão assim perfeita”!* Continua o discurso, justificando que não corresponde ao perfil idealizado por seus colegas, e ressalta o peso que essa maneira de vê-la tem para ela. Assim como não podia decepcionar o pai que a considerava boa aluna, também não pode falhar com seus colegas que a consideram “uma professora perfeita”. O medo de não atingir as expectativas do outro se exprime como forte elemento no seu modo de ser professora, fazendo com que se exija e se cobre cada vez mais, indicando que a pouca preocupação que nutre em relação às expectativas dos alunos tem uma relação direta em querer se apresentar para os colegas como a “professora exigente”.

De acordo com Neto e Lima (2011), o reconhecimento se configura num jogo entre o eu e o outro, o nós e o eles, entre a parte e o todo social como assinalam. Mais uma vez, parece que Sara repõe a personagem da infância que, para corresponder ao modo como o pai a reconhecia, enfrentava sacrifícios. Agora, para confirmar o reconhecimento dos colegas, também enfrenta sacrifícios. Sinaliza, no entanto, para os colegas que também erra, ao mesmo tempo em que sente satisfação pelo modo como é vista pelos pares, reconhecimento que na infância não conseguia atingir, dando indícios de que vem movimentando esta personagem.

Ao longo de sua narrativa é possível perceber que Sara vai modificando o modo como significa à docência. Em princípio, concebia à docência como a possibilidade de transmitir conhecimentos, assim, é levada para a docência, embora expresse que não planejou ser professora, pois esta não era a intenção de seu pai. Em outro momento entende que o professor precisa ser exigente, aos poucos vai entendendo que o professor se constitui sempre.

### Considerações finais

Ao olhar para a história de Sara, constatamos que ela traz aspectos configurados não apenas como história singular, mas também representa a história de muitos outros professores. Sua narrativa expressa aspectos de um contexto marcado por dificuldades econômicas, poucas oportunidades, pais autoritários e atividade docente marcada por diversas dificuldades, aspectos comuns a muitas outras histórias, especialmente na região Nordeste de nosso País.

A narrativa de Sara revela elementos de um contexto, das interações estabelecidas e do modo como subjetiva suas experiências. Conhecer sua história de vida, nos ajudou a entender a professora que hoje é e como se reconhece docente. Tentando repor a personagem “a filha que tirava boas notas”, Sara vivencia sofrimento por medo de não corresponder às expectativas do outro, aspecto importante em seu processo constitutivo, que logra romper quando ingressa na docência. No PIBID participa de importantes atividades que lhe permitiram derrubar “muralhas” e se reconhecer como alguém capaz, processo que ainda está em elaboração. Ao reconhecer que o professor se constitui sempre, Sara deseja continuar aprendendo.

A investigação revela a importância de estudar as histórias de vida para compreender os processos identitários. Conhecer a história de Sara, como foi se constituindo, possibilitou entender as diversas personagens que assumiu, o que permitiu compreender com maior riqueza a professora que hoje é, afinal quem somos hoje, é processo histórico, que se inicia num contexto concreto, em tempo mais remoto.

O estudo também chama a atenção para a necessidade de se ouvir o professor. Em sua narrativa a professora expressa surpresa, ao mesmo tempo em que demonstra contentamento por ser ouvida, revelando, assim, que pouco se escuta o professor. É necessário olhar para as histórias singulares dos professores nos processos formativos, respeitando as particularidades e a universalidade, entendendo que, como seres de interação, os professores estão inseridos em contextos concretos, constituindo-se de modo permanente.

### Referências

ALMEIDA, J. A. M. **Sobre a Anamorfose:** Identidade e emancipação na velhice. 258f. Tese de Doutorado em Psicologia Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. PUC-SP: São Paulo, 2005.

CARVALHO, M. V. C. **Histórias de ser e fazer-se educador:** desvelando a identidade do professor universitário e suas possibilidades emancipatórias. Tese (Doutorado em Educação). [Pontifícia Universidade Católica de São Paulo](#). São Paulo, 2004.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Identidade** – questões contextuais e teórico-metodológicas. Curitiba-PR: CRV, 2011.

CIAMPA, A. da C. **A estória do Severino e a história da Severina.** São Paulo: Brasiliense, 2000.

\_\_\_\_\_. Políticas de identidade e identidades políticas. In: DUNKER, Lenz; INGO, Christian; PASSOS, M. C. **Uma psicologia**

**que se interroga**: ensaios. São Paulo, 2002, p. 133-143.

\_\_\_\_\_. Construção Psicopedagógica. In: **Periódicos Eletrônicos em Psicologia**. [online]. ISSN 1415-6954 . São Paulo, v. 14, n. 11, dez. 2006.

DANTAS, S. S.; CIAMPA, A. da C. Projeto de vida e identidade política: um caminho para a emancipação. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v. 5 - n. 2, p. 138-152, jul./dez. 2014.

DIAS, M. de F. G. Políticas de identidade na nossa caixa nosso banco. In: DUNKER, L.; INGO, C.; PASSOS, M. C. **Uma psicologia que se interroga**: ensaios. São Paulo, 2002. p. 173-183.

GONÇALVES NETO, J. U. ; LIMA, A. F.A história de Maria. **Psicología, conocimiento y sociedad**, 3, 30-51, 2011.

LIMA, A. F. **Metamorfose, anamorfose e reconhecimento perverso**: a identidade na perspectiva da Psicologia Social Crítica. São Paulo: FAPESP, EDUC, 2010.

LIMA, A. F.; CIAMPA, A. C.. Metamorfose humana em busca de emancipação: a identidade na perspectiva da Psicologia Social Crítica. In: LIMA, A. F. (Org.). **Psicologia Social Crítica: Paradoxos do Contemporâneo**. Porto Alegre. Sulina. 2012.

NÓVOA, A. **Os professores e a sua formação**. Lisboa, Portugal: Dom Quixote, 1992.

PINO, A. O social e o cultural na obra de Vigotski. **Educação e Sociedade**. 2000. Vol.21, n. 71. p. 45-78.